

A formação em questão

Oscar Miguelez

Psicanalista, professor do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, pesquisador do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC-SP

Resumo: *O autor afirma que ninguém é nem será analista só porque se auto-intitule como tal, nem só porque obtenha autorização para fazê-lo de qualquer um dos organismos existentes, ou por criar. Entretanto, a formação de um psicanalista transita com frequência um espaço “entre” o pessoal e o institucional. Arendt é convocada para auxiliar com sua noção de “pensamento” nessa espinhosa questão.*

Palavras-chave: *Formação psicanalítica, instituição de formação, Freud, Lacan*

Em 1926, Freud publica um livro que em português foi traduzido como *A questão da análise leiga*. Esse longo e não muito visitado trabalho foi escrito, nos informa Strachey, por um motivo muito especial. Diz Strachey (in Freud, 1926/1979, p. 168):

Em fins da primavera de 1926 foi dado início a um processo, em Viena, contra Theodor Reik, proeminente membro não-médico da Sociedade Psicanalítica de Viena. Foi acusado, segundo informações prestadas por alguém que ele viera tratando analiticamente, de violação de uma antiga lei austríaca contra ‘charlatanismo’ – lei que tornava ilegal que uma pessoa sem um grau médico tratasse de pacientes.

Em resposta e em auxílio ao seu amigo, quase filho adotivo – segundo o comentário de Roudinesco (1998, p. 655) – Freud elabora esse extenso trabalho no qual faz uma defesa acalorada do exercício da psicanálise por não médicos. Embora o trabalho tenha essa finalidade específica, algumas das questões aí levantadas serviriam de modelo da formação analítica e não perderam relevância até hoje.

Já na primeira página coloca-se a questão de quem pratica a psicanálise e Freud não esconde a desconfiança que lhe desperta tal preocupação. Com efeito, a relação da medicina com a psicanálise foi, e continua sendo,

profundamente ambivalente. Decididamente não é uma titulação oficial, nem em medicina nem em psicologia, que habilitariam ao exercício da psicanálise. Frente à pergunta: como e onde se pode aprender o que é necessário para praticar-se a análise? Freud diria o seguinte (1926/1979, p. 213):

No momento existem dois institutos nos quais se ministra instrução sobre psicanálise. O primeiro foi fundado em Berlim pelo Dr. Max Eitingon, que é membro da Sociedade local. O segundo é mantido pela Sociedade Psicanalítica de Viena às suas próprias custas e com considerável sacrifício. O papel desempenhado pelas autoridades limita-se, no presente, às muitas dificuldades que se antepõem ao novo empreendimento. Um terceiro instituto de formação está sendo agora inaugurado em Londres pela Sociedade dessa cidade, sob a direção do Dr. Ernest Jones. Nesses institutos os próprios candidatos são submetidos à análise, recebem instrução teórica mediante conferências sobre todos os assuntos que são importantes para eles, e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e mais experientes quando lhes é permitido fazer suas primeiras experiências com casos relativamente brandos. Calcula-se um período de cerca de dois anos para essa formação. Mesmo após esse período, naturalmente, o candidato é apenas um principiante e não ainda um mestre. O que ainda se necessita deve ser adquirido pela prática e por uma troca de idéias nas sociedades psicanalíticas nas quais membros jovens e velhos se reúnem. O preparo para a atividade analítica de modo algum é fácil e simples. O trabalho é árduo, grande a responsabilidade. Mas qualquer um que tenha sido analisado, que tenha dominado o que pode ser ensinado em nossos dias sobre a psicologia do inconsciente, que esteja familiarizado com a ciência da vida sexual, que tenha aprendido a delicada técnica da psicanálise, a arte da interpretação, de combater resistências e de lidar com a transferência – qualquer um que tenha realizado tudo isso não é mais um leigo no campo da psicanálise. Ele é capaz de empreender o tratamento de perturbações neuróticas e ainda poderá com o tempo alcançar nesse campo o que quer que se possa exigir dessa forma de terapia.

O modelo explicitado aqui (o famoso tripé da formação analítica) foi o seguido pela maioria das sociedades psicanalíticas criadas ao redor do mundo.

Entretanto, já em 1926, esses ideais de formação geraram o inevitável mal-estar. Uma parte dos membros da incipiente sociedade psicanalítica recusou a admissão de leigos (não médicos) nos institutos. Isso foi também assim na Argentina até há pouco tempo. Disse Freud (1926/1979, p. 224) a respeito pleno de ironia:

Como posso lhe explicar a atitude desses meus alunos? Não sei ao certo; penso que deve ser o poder da consciência corporativa. O curso do desenvolvimento deles tem sido diferente do meu, eles ainda não se sentem à vontade em seu isolamento dos colegas, gostariam de ser aceitos pela “profissão” como tendo plenos direitos, e estão preparados, em troca, por essa tolerância, para fazer um sacrifício num ponto cuja importância vital não lhes é evidente. Talvez possa ser de outra forma; imputar motivos de concorrência a eles seria não somente acusá-los de sentimentos baixos, mas, também, lhes atribuir uma estranha miopia. Estão sempre prontos a introduzir outros médicos na análise, e de um ponto de vista material deve ser-lhes indiferente ter de partilhar os pacientes disponíveis com colegas médicos ou com leigos.

Outras questões de palpitante atualidade são abordadas no trabalho de 1926. Selecionei algumas frases que achei interessantes:

“A prática da psicanálise é um assunto que deve, em geral, ficar sujeito à interferência oficial, ou seria mais conveniente deixá-lo seguir seu desenvolvimento natural?”

“Em nosso país desde antigamente um verdadeiro *furor prohibendi* [paixão por proibições] tem constituído a regra, uma tendência a manter as pessoas sob tutela, a interferir e a proibir, o que, como todos sabemos, não tem dado frutos particularmente bons.”

“A psicanálise é algo tão novo no mundo, a massa da humanidade é tão pouco instruída sobre ela, a atitude da ciência oficial para com ela é ainda tão vacilante, que me parece precipitado intervir em seu desenvolvimento com regulamentos legislativos.”

“Já estabeleci o que me parece falar em favor de uma política de *laissez-faire*. Se a outra decisão for adotada – para uma política de intervenção ativa – então parece que em qualquer caso uma medida imperfeita e injusta de proibir implacavelmente a análise por não-médicos será um resultado insuficiente.”

Muita água correu nos moinhos da psicanálise desde 1926 até hoje. A releitura de um texto como esse nos surpreende pela atualidade de algumas questões e, ao mesmo tempo, pela distância que nos separa desses anos heróicos do nascimento da instituição psicanalítica.

Os ideais de formação preconizados por Freud (que incluíam junto ao famoso tripé história da cultura, mitologia, psicologia da religião e literatura) adquirem hoje um certo ar de inocência e ingenuidade.

O crescimento maciço da instituição psicanalítica com a consabida avalanche de ordenamentos burocráticos e distribuições de poder pouco democráticas; a proliferação de novas orientações, diferentes das freudianas, embora em suas origens sempre reclamando para si o papel de continuadores do essencial da obra do mestre; o aumento desmedido da assim chamada “literatura psicanalítica”, que hoje representa um volume de material impossível de ser encarado por qualquer psicanalista por mais estudioso que seja; o domínio da “miopia” (para não dizer a cegueira) e dos “sentimentos baixos” (para não falar do narcisismo dos analistas, sempre comentado nos corredores da psicanálise) faz hoje a tão comentada formação psicanalítica uma quimera cada vez mais difícil.

O pós-guerra trouxe uma avalanche de divisões nas diferentes sociedades regionais. Os novos grupos, uma vez constituídos, procuravam reconhecimento da Internacional e se reorganizavam, mais ou menos da mesma maneira que os anteriores trocando só os caciques.

Ora, nada teve um efeito mais marcante para os caminhos da formação psicanalítica que o assim chamado ato de excomunhão operado pela IPA na figura de Jacques Lacan, acontecida nos meados dos anos 60. Até lá, bem ou mal, a Associação Psicanalítica Internacional fundada por Freud era a detentora absoluta da “patente” psicanalítica. A Internacional, embora combatida e criticada por todos, representava também o papel de garantia, nela depositava-se a esperança de existência de um núcleo duro de aquilo que poderia ser chamado psicanálise. A exclusão de Lacan da Internacional teve uma conseqüência inesperada por aqueles que a operaram. Com efeito, pode-se dizer de Lacan uma inúmera quantia de adjetivos, nem sempre elogiosos; pode-se qualificar seu caráter, seu estilo; a única coisa que não se pode dizer de Lacan é que não foi um psicanalista. Esse

ato de exclusão deixou patente uma realidade: a psicanálise poderia existir fora da IPA. A IPA perdeu sua exclusividade.

O novo grupo liderado por Lacan, separado da Internacional, iniciou uma vida própria. O ensino de Lacan teve forte repercussão no meio intelectual da Paris dos anos 60 - 70 e exerceu uma forte atração nas camadas mais jovens, conservando também grande influência entre os mais velhos. A revolução lacaniana questionou os alicerces e o modelo, até então em vigor, da formação psicanalítica e provou “de fato” que era possível a existência da psicanálise fora do âmbito da Internacional. O ensinamento de Lacan, fundamentalmente oral, foi recheado de anedotas, frases de efeito e críticas à formação oficial. Dentre essas críticas cabe remarcar a abolição da assim chamada análise didática e a concomitante proposta do “passe” que culminou em 1968 com a aprovação em assembléia de um documento que continha a frase: “O psicanalista só se autoriza por si mesmo”. A sentença correu o mundo como pólvora e operou um efeito liberalizador, bem sintonizado com o espírito de contestação dos anos 60 e 70. A instituição do “passe” gerou uma intensa polêmica e produziu a primeira cisão nas fileiras do lacanismo, dando lugar à criação do que foi chamado o “Quarto Grupo” liderado por Perrier, Aulagnier e Valabrega. O próprio Lacan, em 1978, o questionou chamando-o de “impasse” e, em janeiro de 1980, dissolveu a Escola Freudiana de Paris deixando à deriva seus 609 membros.

Na América Latina, embora com um certo atraso, essas idéias libertárias a respeito da formação tiveram uma grande repercussão e de alguma maneira são as responsáveis pela ampliação que hoje assistimos, não só de grupos e espaços, senão também, de modalidades de formação.

Queiramos ou não, saibamos ou não, gostemos ou não, todos nós somos de alguma forma herdeiros do legado inaugurado por Lacan.

Se algum ensinamento pode-se extrair dessa fragmentária seqüência de fatos que acabo de expor é a de que a formação não é em psicanálise um problema resolvido. Quem e como alguém se torna analista é, e continuará sendo, uma questão que se resiste a uma solução, seja ela institucional ou pessoal. Ninguém é nem será analista só porque se auto-intitule como tal, nem só porque obtenha autorização para fazê-lo de qualquer um dos organismos existentes, ou por criar, que ainda acreditem que possuem o poder de discernir com clareza e objetividade sobre essa espinhosa questão. Porém, a formação transita com frequência um espaço “entre” o pessoal e o institucional. Isso faz lembrar que as raízes da palavra formação remetem à *bildung* germânica.

A *bildung* participa do que Louis Dumont (1991) denomina “variante alemã da ideologia moderna”. No dizer de Dumont a formação ou educação de si mesmo (*bildung*) representou uma verdadeira instituição para os alemães instruídos por mais de um século, incluído entre eles o próprio Freud. Por mais críticas que possam fazer-se aos ideais da *bildung* ou ciência romântica, uma “inarredável tensão” (para utilizar os termos de Luiz Fernando Dias Duarte, 1995) entre o universalismo da ciência iluminista e os ideais de ciência românticos da singularidade/totalidade é parte constituinte da psicanálise e de todas as ciências sociais.

Por mais obstáculos e dificuldades, analistas existem e continuarão a existir por dentro e por fora das instituições de formação.

Ultimamente tenho achado importante para minha própria formação dialogar com autores fora do campo estrito da psicanálise. Foi o caso de Hannah Arendt.

Recentemente, pretendi estabelecer um diálogo imaginário entre Arendt e Freud, o que deu lugar a um artigo *Arendt com Freud: o mal em questão*, incluído como parte do livro “Narcisismos”¹. Reli com esse propósito *Pensamento e considerações morais*. Nessa densa e belíssima conferência datada de 1970, Arendt afirma que pensar é, seguindo a tradição kantiana, diferente de conhecer, e é o único instrumento para prevenir o mal. O pensamento é construção, questionamento (Arendt, 1970, p. 151) “a atividade de pensamento é como a teia de Penélope: desfaz-se toda manhã o que foi terminado na noite anterior”.

Ela afirma também que (p.151):

(...) a faculdade de pensar tem uma “aversão natural” a aceitar os próprios resultados como “axiomas sólidos”, então não podemos esperar da atividade de pensar nenhuma proposição ou mandamento moral, nenhum código final de conduta e muito menos uma nova, e agora supostamente final, definição do que é bem e do que é mal.

E ainda (p. 157):

(...) o pensamento tem inevitavelmente um efeito destrutivo e corrosivo sobre todos os critérios estabelecidos, valores e medidas estabelecidos para o bem e o mal, enfim, sobre todos os costumes e regras de conduta com que lidamos em moral e ética.

¹ MIGUELEZ, O.
Narcisismos.
São Paulo: Escuta, 2007.

O que Arendt afirma em relação ao bem e o mal pode ser aplicado à formação analítica.

Questioning the analyst formation

Abstract: *The author affirms that nobody is nor will be an analyst just because they title themselves as such, not even by obtaining authorization to practice from any of the existing organs. The academic background of a psychoanalyst travels between the personal and the institutional. In this difficult question, Arendt is called upon to contribute with her notion of “thinking”.*

Keywords: *Psychoanalyst background, institutions of background, Freud, Lacan.*

Referências

ARENDDT, H. *A dignidade na política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

DUARTE, L. F. D. Formação e Ensino na Antropologia Social: os dilemas da universalização romântica. In: *O ensino da antropologia no Brasil. Temas para uma discussão*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

DUMONT, L. *L'idéologie allemande*. Paris: Gallimard, 1991.

FREUD, S. (1926). Pueden los legos ejercer el psicoanálisis? In: *Obras Completas*. v. 20. Buenos Aires: Amorrortú, 1979.

ROUDINESCO-PLON, E. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Oscar Miguez

Rua Capote Valente, 439 - cj, 113
05409-001 – Pinheiros, São Paulo, SP
3081 1829
oscamig@uol.com.br